“O dinheiro, a ação do dinheiro, está enterrando o Estado e a política”

02/03/2016



Entrevista especial com Tarso Genro

“Não sei se tem solução esta crise, mas sei que, se tiver, é com mais democracia, mais política, mais abertura à participação da sociedade nos governos, especialmente daqueles cidadãos que estão na base da sociedade”, afirma o ex-governador do Rio Grande do Sul.

Desde que deixou o governo do **Rio Grande do Sul**, o advogado e político petista **Tarso Genro** não poupa seu partido de críticas no que diz respeito às escolhas levadas a cabo pelo governo federal. Ao analisar o cenário conjuntural, ele engrossa o coro de quem considera que o **modelo político hegemônico do PT** se esgotou, e faz uma autocrítica: “O **PT** estava e está no fim de um ciclo, exatamente porque não nos preparamos para a continuidade das mudanças que teríamos de fazer na sociedade brasileira, através de uma reforma política, da democratização dos meios de comunicação, da reforma tributária e da reestruturação da nossa política de alianças, que já é, hoje, uma aliança conservadora”, avalia, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ao analisar o contexto latino-americano a partir do Brasil, **Tarso** observa o mesmo esgotamento do modelo político desencadeado a partir do ano 2000.

“Creio que na América Latina estamos no **fim de um ciclo** de desenvolvimentismo tardio, de caráter conciliatório com o capital financeiro, que não alterou as relações de força entre as classes sociais, nem reformou as instituições do Estado, para torná-las mais permeáveis aos cidadãos comuns, para aprofundar a democracia e legitimar as decisões de Governo, de uma maneira nova”, descreve.

Longe do discurso messiânico de que há uma grande saída para os desafios da contemporaneidade, **Tarso** aposta na horizontalidade democrática em contraposição ao que ele classifica como “estado de crise” oriundo do domínio do **capital financeiro**. “A estabilidade democrática, a participação popular, a distribuição de renda não interessam ao capitalismo turbinado do capital financeiro. O que interessa é a sublimação histérica do presente, o consumismo desenfreado, a obsolescência programada”, critica.

Tarso Genro é graduado em Direito pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e especialista em Direito Trabalhista pela mesma universidade. Sempre pelo Partido dos Trabalhadores – PT -, Tarso Genro foi governador do Rio Grande do Sul (2010-2014), Ministro da Educação (2004-2005), Ministro das Relações Institucionais (2006-2007), Ministro da Justiça (2007-2010) e prefeito de Porto Alegre (1993-1997 e 2001-2002).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como compreender a crise da representatividade no Brasil e na América Latina?

Tarso Genro – A crise da democracia representativa é mundial. Trata-se de um período de conflito entre as **Constituições** escritas, dentro dos parâmetros da democracia social, com sua força normativa de um lado e, de outro, a força normativa do **capital financeiro** globalizado, que transforma as suas necessidades de reprodução de poder e riqueza, por meio do dinheiro, em "virtude" reformista. São os "**ajustes**", que precisam castrar os direitos sociais da cidadania, duramente conquistados nas lutas do século passado, para impor uma **nova ordem** jurídica e social, paralela à constituição. Para que possam obter isso, a representação política atrapalha, é irrelevante, e o ritual democrático, composto predominantemente por políticos profissionais, é muito demorado.

IHU On-Line – Como o senhor analisa o recente histórico de governos que se denominam de esquerda na América Latina? Em que medida é possível falar em fim de ciclo? Por que está se esgotando?

Tarso Genro – Creio que na **América Latina** estamos no fim de um ciclo de desenvolvimentismo tardio, de caráter conciliatório com o capital financeiro, que não alterou as relações de força entre as classes sociais, nem reformou as instituições do Estado, para torná-las mais permeáveis aos cidadãos comuns, para aprofundar a democracia e legitimar as decisões de Governo, de uma maneira nova. Quanto à **globalização**, não saímos de uma relação de dependência subordinada para uma relação de cooperação interdependente, que é o mínimo exigível a um projeto de nação. Isso, agora, está cobrando seu preço: o instrumento de pressão e domínio, que vem de fora do Estado e do país, é a dívida. Entendo que em muitos países da **América Latina** – **Brasil**, **Bolívia**, **Uruguai**, por exemplo – tivemos alguns **avanços sociais** importantes e, sobretudo, um avanço na democracia política. Isso, agora, é o que está se esgotando.

IHU On-Line – Em 2015, o senhor avaliou que o PT, da forma como estava posto, chegou ao fim de um ciclo. O que levou o senhor a esta conclusão? E agora em 2016, em meio a discussões pelo impeachment, Lava Jato e denúncias em torno de Lula, qual é o cenário?

Tarso Genro – O **PT** estava e está no **fim de um ciclo**, exatamente porque não nos preparamos para a continuidade das mudanças que teríamos de fazer na sociedade brasileira, através de uma**reforma política**, da **democratização dos meios de comunicação**, da reforma tributária e da reestruturação da nossa**política de alianças**, que já é, hoje, uma aliança conservadora. Isso deveria e poderia ter sido mudado, se o **PT** intercedesse – desde a metade do segundo **Governo Lula** – para que fôssemos formando um sistema de alianças, mais programático, menos "tradicional", no sentido negativo da expressão, e menos pragmático.

Estas **denúncias** contra o **PT** compõem um cenário de luta política e são manipuladas e seletivamente feitas pela **mídia**para atingir principalmente o **PT**, "depurar a política dos políticos", diminuir a importância da ação dos partidos na democracia, para dar lugar ao poder de uma **tecnocracia neoliberal**, para implementar as "reformas".

Isso não quer dizer que a luta contra a corrupção não deva ser feita com dureza, dentro da lei, nem que todas as pessoas apontadas sejam inocentes. As **ações de mídia**, que estão em andamento, porém que "midiatizam" os processos penais, "julgam" de acordo com seus interesses, quem é culpado e quem não é – estas denúncias – destinam-se, muito menos a combater a corrupção, e, muito mais, a destruir o espaço da política e a importância que os partidos devem ter, em qualquer democracia minimamente séria.

IHU On-Line – Qual a origem desse "estado de crise"? Que alternativas são viáveis? O que está em jogo é um projeto político-econômico ou um projeto civilizacional?

Tarso Genro – A origem do "**estado de crise**" é o novo padrão de **acumulação capitalista** a ser imposto pelo domínio do capital financeiro em todo o mundo. Está em jogo, já, um projeto civilizatório, que vem do iluminismo democrático e das revoluções que lhe sucederam, que também às vezes substituíram uma barbárie por outra.

Não sei se tem solução esta crise, mas sei que, se tiver, é com mais democracia, mais política, mais abertura à participação da sociedade nos governos, especialmente daqueles cidadãos que estão na base da sociedade, nas fábricas, nas academias, nas atividades comunitárias, nos seus locais de moradia, na pesquisa e na produção da inteligência.

Com menos democracia e com o "rapto" que o **capital financeiro** está fazendo das funções públicas do Estado – através do controle que ele detém sobre a dívida pública -, teremos mais violência, mais anomia e fragmentação social.

A estabilidade democrática, a participação popular, a distribuição de renda não interessam ao capitalismo turbinado do**capital financeiro**. O que interessa é a sublimação histérica do presente, o consumismo desenfreado, a obsolescência programada.

IHU On-Line – Frente a um cenário cíclico de "crises", como entender estratégias como a troca de nomes no Ministério da Fazenda? De que forma a crise da representatividade pode ser relacionada às crises do sistema financeiro mundial?

Tarso Genro – Trocas de nomes em **Ministérios** podem ser soluções políticas de curto prazo, mas não resolvem crises estruturais. E estamos vivendo uma crise estrutural na economia, cujas respostas não pedem respostas tradicionais. Eu me explico: mudanças de Ministérios ou alterações secundárias na **política econômica** não redesenham um projeto de nação, que é o que precisamos para sobreviver com justiça e dignidade dentro da nova ordem mundial.

De uma parte, porque a **representação política** – no sistema político atual – só reproduz os vícios, não as virtudes do mundo da política, enquanto tivermos o império da "dinheirização" da política; de outra parte, porque a dívida, e, portanto, a dependência do país em relação ao **capital financeiro global**, com estas políticas econômicas, só tende a crescer.

IHU On-Line – De que forma o "fascismo financeiro" vem incidindo sobre liberdades políticas democráticas do sistema de direitos individuais e coletivos?

Tarso Genro – Enquanto a dívida legítima e real não for separada da dívida fictícia e manipulada, o país continuará sangrando. É o que o Boaventura chama de **"fascismo" financeiro**, naquele sentido que **Mussolini** explicitou a**Marcha sobre Roma**, quando ele disse que a "ação enterrou a filosofia". Bem, aqui, o dinheiro, a ação do dinheiro, está enterrando o Estado e a política.

IHU On-Line – Diante deste cenário, que alternativas emergem?

Tarso Genro – É necessário que a esquerda e os setores democráticos e progressistas, que defendem um Estado Social de Direito, se unam para organizar um novo programa unitário, e que passemos a formar uma nova **Frente Política**, autêntica e acordada em pontos fundamentais para um projeto de nação, cuja primeira tarefa seria convocar uma **Constituinte**, para repactuar o país, pelo menos em três grandes pontos: um **novo sistema político** que reduzisse enormemente o poder do dinheiro sobre os partidos e sobre as eleições; uma **reforma tributária** que integrasse a Federação e tivesse a progressividade como norte; uma reforma para **democratizar as comunicações** e permitir a livre circulação da opinião.

As **eleições em 2016** podem, em alguns lugares, começar a testar esta nova unidade.

Entrevista João Vitor Santos | Edição Ricardo Machado

Publicação original em http://www.ihu.unisinos.br/

Compartilhe nas redes: